

O lugar da didática no ambiente virtual de aprendizagem

Bianka Pires André

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da importância de repensarmos nossas ações didáticas através de nossas experiências como coordenadores de disciplina, professores e/ou tutores atuantes no ensino a distância. Com as mudanças do cenário social, os avanços tecnológicos e o aumento das ofertas formativas na modalidade a distância, surge também a necessidade de se repensar as ações didáticas dentro dos ambientes virtuais de forma que possam alcançar de maneira significativa o novo formato de aluno, garantindo também a estes sujeitos uma educação de qualidade. A disponibilização de um determinado conteúdo em um ambiente virtual de aprendizagem nem sempre pode ser considerada como “aprendizagem”. Através de um relato de experiência, o artigo se propõe a discutir algumas questões fundamentais como o lugar da didática no ambiente virtual, a formação dos professores para trabalhar com a Educação a Distância (EAD) e os modos de interação com o alunado.

Palavras-chave: didática, ambiente virtual, EAD.

Abstract

This paper aims to present some reflections on the importance of teaching rethink our actions through our experiences as discipline coordinators, teachers and / or tutors active in distance learning. With the changing social scenario, technological advances and increased training opportunities in the distance, also comes the need to rethink the teaching actions within the virtual environments so they can achieve significantly the new format of the student, while also ensuring subject to these quality education. The availability of a certain content in a virtual learning environment cannot always be considered as "learning." Through an experience report, the paper proposes to discuss some key issues such as the place of didactic in the virtual environment, the training of teachers to work with the Distance Education (DE) and modes of interaction with the students.

Keywords: didactic, virtual environment, DE.

Introdução

A presença dos diversos cursos oferecidos pela modalidade de ensino a distância não é mais uma novidade na sociedade moderna. No entanto, passados quase 20 anos desde a regulamentação da LDB nº 9.394/96 para a EAD no ensino superior brasileiro, deveria haver uma maior preocupação em se refletir sobre como esta educação vem sendo realizada.

A finalidade da EAD é colaborar com a formação de pessoas que não tiveram a oportunidade de ampliar seus estudos seja por falta de tempo em virtude do trabalho, por falta de recursos financeiros, pela distância dos centros de ensino ou por razões diversas. Dessa forma,

através de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), independente de um tempo ou espaço específicos, e com a ajuda de um tutor, professor e ou coordenador de disciplinas, alunos e alunas podem ser formados nos diferentes cursos oferecidos por instituições de ensino no país.

Porém, o desafio de alcançar estes alunos e alunas através de uma metodologia que não esteja somente voltada para os benefícios da tecnologia, mas que tenha também um maior cuidado com os aspectos pedagógicos do ambiente virtual, tem sido uma inquietação pessoal recorrente fruto de minhas experiências com a EAD. Concordando com Machado (2010), sabemos que incorporar as tecnologias de informação e comunicação nas práticas educativas, por si só, não garante mudança no cenário educativo, independentemente de ser no ambiente presencial ou virtual. Para o autor, é o trabalho do professor com amadurecimento intelectual, emocional e comunicacional, capaz de ajudar os alunos na construção de seus modos de aprender, isso sim, é o que pode favorecer uma melhor aprendizagem (MACHADO, 2010). E nesse sentido, estudos como de Machado (2010), Kensi (2008), Carvalho (2007), Almeida (2003) e Barreto (2001), entre outros, também apontam para esta preocupação com a qualidade pedagógica da EAD.

Comecei minha trajetória na EAD como tutora em 2009 através do Curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE - <http://www.e-clam.org/gde.php>), oferecido desde 2008 por distintas Universidades. O curso é destinado a professores da rede pública de ensino e faz parte da Rede de Educação para a Diversidade da Universidade Aberta do Brasil. O objetivo do GDE é colaborar com a formação de professores da educação básica que precisam lidar com as novas demandas do alunado em relação à Diversidade. O GDE é caracterizado como um curso de extensão de 200 horas no formato semipresencial. Atuei como tutora no curso GDE oferecido pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e nesta ocasião recebemos formação tanto tecnológica quanto pedagógica.

Ainda que eu dominasse bem as novas tecnologias, tivesse formação em nível de doutorado em educação e tivesse experiência como professora de ensino médio, era meu primeiro contato com a EAD e com o ensino superior. A experiência de trabalhar com a formação de professores, o que sempre caracterizou meu objetivo profissional, foi muito interessante porque me permitiu colocar em prática alguns conhecimentos específicos, fazer inúmeras descobertas no mundo da EAD, e aprender de forma significativa através do contato diário com as turmas. Participei do GDE/UERJ nos cursos ministrados em 2009 e 2010.

No segundo ano trabalhando como tutora do GDE (2010) fui aprovada para a disciplina de Didática em um concurso para a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e, logo no ano seguinte (2011), fui convidada para trabalhar como Coordenadora de disciplina no CEDERJ (<http://cederj.edu.br/cederj/sobre/>). O Centro de Educação Superior do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ) é um Consórcio entre as Universidades Públicas do Rio de Janeiro (UENF, UERJ, UFF, UFRJ, UFRRJ, UNIRIO, CEFET/RJ) que desde 2002 tem o objetivo de oferecer educação superior a

todo Estado do Rio de Janeiro. Atualmente o CEDERJ possui cerca de 26 mil alunos distribuídos em 12 cursos como Matemática, Pedagogia, Turismo, Biologia, Letras, Computação, etc.

Depois de trabalhar seis anos com EAD, na qualidade de tutora e coordenadora de disciplina, resolvi fazer um curso online como aluna simplesmente porque trabalharia com uma disciplina nova na Universidade e este curso online seria justamente na mesma temática. Pensei então que seria não só uma forma de ampliar meus conhecimentos, mas seria também uma forma de conhecer um outro lado da EAD e poder repensar minha prática docente no ambiente virtual. O Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Diversidade com duração entre novembro/2013 e junho de 2014, era de caráter semipresencial, possuía carga horária de 180 horas e foi coordenado pelo Núcleo de Educação e Cidadania – NUEC da Universidade Federal Fluminense (<http://www.nuec.uff.br/>).

A partir das novas experiências como aluna de um curso a distância e, repensando minha atuação como coordenadora de disciplina, comecei a perceber o quanto podemos falhar na hora de organizar nosso ambiente virtual, na interação com nossos alunos e como seria importante uma melhor formação para acompanhar o ritmo das mudanças tecnológicas. E se por um lado devemos nos preocupar com as mudanças tecnológicas, por outro lado também deveríamos estar mais atentos à importância das mudanças pedagógicas. Sendo assim, através destas experiências, o objetivo deste artigo é refletir sobre o papel da didática no ambiente virtual. Atualmente estou trabalhando no CEDERJ com a disciplina de Prática de Ensino I destinada aos alunos de licenciatura de distintos cursos e minha preocupação com a didática ainda é vigente.

A didática em diversos espaços

A didática como área de estudo da pedagogia tem como objetivo facilitar o processo de ensino-aprendizagem (LIBÂNEO, 2008). É responsável por cuidar dos aspectos que favoreçam uma aprendizagem significativa no aluno (VASCONCELLOS, 2009). Mas se antes a didática era vista apenas como uma “técnica” para a promoção do ensino, com o passar do tempo, ela assume um papel maior, vai assumindo um papel que prima pela elaboração de estratégias para aquisição de conhecimento.

Por outro lado, se o lugar da didática estava restrito somente aos espaços escolares, lugares privilegiados do saber, hoje em dia, com a expansão das ofertas educativas, a didática está presentes em outros espaços de formação, devendo assim assumir novas posturas.

As formas de aprender não estão mais somente relacionadas às salas de aula. Os espaços educativos, tanto formais quanto informais se multiplicaram. Temos outros espaços de aprendizagem como a EAD, cursos televisivos ou virtuais, além da grande oferta de formação em cursos preparatórios diversos, faculdades, pós-graduação, escolas diferenciadas, cursos técnicos, minicursos, entre outras ofertas (VASCONCELLOS, 2009). E dentro desta gama de possibilidades

de aprendizagem a didática está presente para diminuir as distâncias, para estabelecer vínculos entre o ensino e a aprendizagem.

Porém, ainda que os espaços educativos sejam diversos, alguns elementos permanecem nesta relação significativa: o professor, o aluno, a metodologia e o conteúdo (LIBÂNEO, 2008). A didática é responsável por fazer a mediação entre estes elementos e favorecer a aquisição de conhecimento, de saberes, de mudança de comportamento nos sujeitos envolvidos neste processo (CHARLOT, 2000).

No entanto, cada espaço requer um método didático distinto. Um método didático que aproxime o aluno do conteúdo, através de uma metodologia significativa. Segundo Schön, a situação de aprendizado é marcada pelo tempo, pelo espaço e pelas relações (SCHÖN, 1992). Ou seja, épocas, espaços educativos e relações distintas, trazem aprendizagens diferenciadas. Daí a importância da adequação didática para os diferentes contextos educativos.

É interessante ressaltar que os espaços educativos não diminuem em nada a possibilidade de aprender. Não se deve pensar que por estar neste ou naquele lugar o aluno terá uma “melhor ou pior” oferta formativa. O que vai fazer a diferença nesta oferta, mais que o espaço, será o interesse do aluno, sua vontade de aprender, juntamente com a dedicação do professor. O desejo de aprender do aluno é o que move sua capacidade de aprender (DINIZ E MARQUEZ, 2003). Ainda que um bom espaço, no sentido de bem equipado, arejado, limpo, moderno, traga um maior conforto e credibilidade, o espaço físico (ou mesmo virtual) em si mesmo não garante a aprendizagem. Os espaços serão um aliado a mais neste processo de busca pelo conhecimento.

O ambiente virtual e a didática

O ambiente virtual pode ser considerado a “sala de aula” da EAD. É um espaço caracterizado pela interação entre professor e aluno através da troca, das conversações, instruções, atividades, “tira-dúvidas”, e até realização de avaliações. Este ambiente permite que os alunos tenham acesso aos conteúdos das distintas disciplinas, aos calendários, aos programas e sobre tudo, é o lugar que, de certa forma, facilita e favorece a aprendizagem através da combinação dos elementos anteriores.

Não obstante, para que haja uma aprendizagem significativa neste ambiente, seria necessário também que houvesse uma didática que se adequasse a este espaço, a esta proposta de ensino. E quando pensamos a didática neste ambiente virtual, não podemos pensar naquela didática que usamos nas salas de aula de cursos presenciais, que sempre é favorecida pelo “olho no olho”, pela linguagem não verbal, pela facilidade de se corrigir ou intervir no tempo real. Precisamos pensar em uma didática, uma metodologia, pensar em estratégias que levem a uma maior e melhor compreensão dos conteúdos apresentados através de uma linguagem clara,

através da organização efetiva do ambiente, através da seleção de imagens e outros recursos que o ambiente virtual nos brinda como fóruns, chats, atividades interativas, etc. Para Almeida (2003),

“O gerenciamento desses ambientes diz respeito a diferentes aspectos, destacando-se a gestão das estratégias de comunicação e mobilização dos participantes, a gestão da participação dos alunos por meio do registro das produções, interações e caminhos percorridos, a gestão do apoio e orientação dos formadores aos alunos e a gestão da avaliação.” (ALMEIDA, 2003, p.332).

Quando pensamos em didática, geralmente pensamos em algo relacionado apenas a educação infantil, crianças, técnicas ou fórmulas mágicas que vão nos ajudar a dar uma “boa aula”. Os alunos de graduação chegam à aula de didática, principalmente os dos cursos de licenciaturas (matemática, física, química, etc.) esperando aprender uma “receita de bolo” que os faça bons professores. No entanto, esta receita não existe. A didática está diretamente ligada a toda e qualquer situação de ensino, seja este presencial ou virtual, e, independente da idade dos aprendizes. Dessa forma, uma didática funcional está relacionada com a gestão de estratégias de comunicação e mobilização dos alunos como destacado por Almeida (2003) anteriormente.

Como mencionado no início deste artigo, comecei a trabalhar com EAD como tutora (2009-2010). E na condição de tutora, minha função era apenas executar tarefas específicas como responder alunos, cobrar os prazos, incentivar acesso à plataforma, entre outras. No entanto, como se tratava de um curso para formação de professores da rede estadual em Gênero e Diversidade na Escola, fui percebendo que mesmo que o ambiente da plataforma não pudesse ser editado, já que era um modelo igual para todos os participantes e formadores, eu tinha liberdade em postar certos materiais no fórum como dicas de filme, artigos, trechos de música e links interessantes sobre os temas trabalhados. Através destas ações e do diálogo aberto e contínuo com meus alunos, consegui estabelecer uma melhor dinâmica no ambiente virtual e trazer os alunos para mais perto dos distintos canais de conhecimento. E pela postagem de uma das alunas em seu memorial de final de curso, parece que a estratégia teve resultado.

“Quero registrar também a grande “bagagem cultural” adquirida por meio de textos apresentados, dicas de filmes, livros... além do belíssimo espaço dedicado a todos nós (fórum), que muito colaborou para o nosso engrandecimento tanto pessoal quanto profissional. Por ser um canal direto com todos os participantes, foram trocadas muitas experiências e lições de vida. Vale ressaltar que as intervenções e provocações feitas por [...], nossa tutora, foram de grande valia. Cabe aqui também um agradecimento todo especial pelas palavras de incentivo e encorajamento por eu ter chegado até aqui. Se não fosse isso, teria ficado pelo caminho... Obrigadaaaaaaaaa!!! (Aluna M.T., GDE 2009)”.

Na maioria das vezes, os cursos à distância costumam trabalhar com materiais didáticos tanto disponíveis em suas plataformas, quanto com livros de igual conteúdo. Logo no meu primeiro ano (2011) como coordenadora de disciplina no CEDERJ fiquei um pouco “perdida” com a administração da plataforma da minha disciplina de Prática de Ensino. O material didático continha 30 aulas e eu o que fazia era colocar algumas mensagens ou textos isolados na plataforma para atender os alunos. Mas na aula presencial, de uma disciplina equivalente em minha instituição, eu levava distintos recursos para trabalhar com meus alunos. Este tratamento diferenciado entre um grupo e outro começou a gerar certo desconforto em mim. Será que eles não teriam os mesmos direitos de aprendizagem? Mesmo que no formato virtual? Talvez não fosse necessária uma didática mais específica para alcançá-los? O que eu fazia geralmente para “compensar” estes alunos virtuais, era durante as visitas docentes a um dos polos participantes, preparar uma atividade melhorada, mas ainda assim não me parecia ser o suficiente.

Existe uma necessidade grande de que pensemos e repensemos nossas práticas pedagógicas ao longo de nossa vida docente. Schön (1992) destaca a importância de sermos profissionais reflexivos, chama a atenção para o desafio da reflexão antes, durante e depois de nossa ação docente. Nesse sentido, cabe questionarmos sobre: qual seria o lugar da didática no ambiente virtual? Existiria uma didática específica para este ambiente? Uma didática virtual?

Segundo Libâneo (2008), a função da didática é orientar a aprendizagem do aluno, é colaborar com a seleção e organização de conteúdos e métodos que facilitem essa aprendizagem. E no ambiente virtual este cuidado didático com a aprendizagem deve ser ainda maior, pois não contamos com certas ferramentas que contamos no ambiente presencial. E qual tem sido o lugar da didática no ambiente virtual do ensino a distância? Mesmo com alguns esforços de muitos colegas professores, parece que a didática ainda possui um papel bem pouco significativo nestes ambientes que tendem a prezar mais pelos aspectos tecnológicos que pedagógicos.

Assim como Paulo Freire (2004) criticava a ideia de ensino como transferência de conhecimento, temos que ter o mesmo cuidado com a EAD. O ensino a distância não deve se resumir apenas a um “postar conteúdo na plataforma”.

Ainda que o “postar conteúdo na plataforma” faça parte de nossas práticas como coordenadores, professores ou tutores a distancia, devemos sempre levar em conta a organização destes conteúdos, a aplicabilidade para o alunado, a adequação da linguagem e, sobre tudo, zelar por uma interação mais eficaz com quem está do outro lado da tela. Nossa missão não é apenas uma formação através das novas tecnologias, mas, uma formação significativa para sujeitos sociais que, de certa forma, estão lutando para elevar seu nível de escolaridade e conquistar novos lugares na sociedade.

De acordo ainda com Almeida (2003),

“Ensinar em ambientes digitais e interativos de aprendizagem significa: organizar situações de aprendizagem, planejar e propor atividades; disponibilizar materiais de apoio com o uso de múltiplas mídias e linguagens; ter um professor que atue como mediador e orientador do aluno, procurando identificar suas representações de pensamento; fornecer informações relevantes, incentivar a busca de distintas fontes de informações e a realização de experimentações; provocar a reflexão sobre processos e produtos; favorecer a formalização de conceitos; propiciar a interaprendizagem e a aprendizagem significativa do aluno.” (ALMEIDA, 2003, p. 335).

Sabemos que não existe uma fórmula mágica para fazer o outro aprender. Por isso, devemos ter em conta alguns aspectos importantes como formação continuada (específica, técnica e pedagógica), experiência cotidiana, troca entre colegas da mesma área, valorização da interdisciplinaridade, interação qualitativa, criatividade e flexibilidade. Estes aspectos e saberes podem favorecer uma melhor abordagem nos distintos ambientes de aprendizagem quer sejam presenciais ou virtuais.

Agora, como coordenadora de disciplina já há três anos, e fazendo uso da Plataforma Moodle, tenho trabalhado com um ambiente que é editável e me dá a oportunidade de criar uma aproximação e identidade com os alunos através do que minha tutora e eu vamos postando ao longo do curso. Vale lembrar que didática não está relacionada somente ao domínio de um conteúdo, mas às possíveis formas que nos relacionamos e fazemos com que nossos alunos se relacionem com este conteúdo a fim de que se transforme em aprendizagem.

Aprendendo melhor a usar a plataforma, com a ajuda de minha tutora, e com minhas inquietações em relação a uma didática que alcançasse virtualmente os alunos, comecei então a trabalhar os conteúdos através dos módulos, e não de forma isolada. Em cada módulo com aproximadamente cinco aulas, eu colocava uma mensagem introdutória para os alunos e abria uma pasta com material de apoio visual e textual. Usava outros recursos também como vídeo ou disponibilizando links diretos para outras páginas.

Vale lembrar que os alunos não aprendem da mesma maneira. E no mundo virtual não é diferente. Existem os alunos que aprendem melhor de forma visual, outros auditiva e há também os que utilizam a forma sinestésica. Nesse sentido, e, para diferenciar alguns estilos de aprendizagem, Schön (1992) denomina de “representação figurativa” quando o aluno necessita de exemplos do seu cotidiano para entender melhor e, “representação formal”, quando o aluno necessita de referências fixas como mapas, tabelas ou gráficos que auxiliem na sua compreensão. Dessa forma, o objetivo desta pasta de apoio é sempre facilitar um texto para ampliar o que foi trabalhado na apostila e um material mais visual, como slides, para fixar a aprendizagem. Neste meu terceiro ano, incorporei também os gráficos, para que antes que eles abram a pasta já tenham uma visão mais global do que vão estudar.

O fazer didático é algo que se aprende cada dia, com cada interação, com cada experiência positiva ou negativa. Vivemos em uma sociedade dinâmica e estamos sempre sendo surpreendidos por elementos transformadores. Gosto muito de uma referência de Paulo Freire que diz que “o mundo não é, o mundo está sendo” (FREIRE, 2004, p.76). Dessa forma, a educação, neste caso concreto a didática, também não deveria ser estática, mas sim, uma ação dinâmica e transformadora.

Se ensinar de forma presencial nem sempre é tão fácil, ensinar de forma virtual, mesmo com todas as vantagens tecnológicas, pode ser um grande desafio. Desafio este que não se vence no primeiro semestre que se começa a trabalhar com EAD. Desafio este que não é responsabilidade apenas do tutor, porque estabelece o contato mais direto com os alunos. É uma responsabilidade de todos nós educadores e profissionais de distintas áreas que aceitamos o desafio de lutar pela formação de sujeitos sociais, que, por causas diversas como econômicas, geográficas ou culturais, não tiveram a oportunidade de ter uma educação universitária presencial.

Formação docente

Quando pensamos em formação docente, talvez venha a nossa mente a necessidade de melhor formação dos professores da educação infantil, fundamental e até mesmo dos professores do ensino médio. No entanto, a falta de formação docente de qualidade ainda é uma grande problemática para a educação brasileira como um todo, inclusive no nível superior.

Ao ser professora de didática, e em um curso de pedagogia e licenciaturas, sempre sou questionada sobre o que apresento como propostas de ensino através dos teóricos da área da educação, e o que os alunos e alunas encontram na realidade deles através da forma como os colegas estão ensinando. É comum ouvir dos alunos “... os professores não fazem o que você diz que nós deveríamos fazer como professores”. Minha resposta tem sido a mesma, que não existe uma única forma didática de atuar e que cada colega atua segundo sua formação, sua experiência, e através de sua concepção sobre o que é ensinar. Se os professores entendem o ensino de forma mais rígida ou flexível, é dessa forma que vão agir.

Ainda que nem sempre sejamos conscientes, há uma forte relação entre formação pedagógica e ação docente. O professor vai atuar em sala de aula de acordo com o que ele aprendeu em sua formação pedagógica. E quando não houve esta formação? Pois quando não houve este tipo de formação o colega vai aprendendo no dia a dia com suas experiências, e alguns, mais esforçados, vão buscar meios de suprir esta deficiência que, com o tempo, tende a diminuir.

A grande questão é que esta falta de formação pedagógica também está presente na EAD. Mesmo que tutores, professores e coordenadores recebam algum tipo de formação inicial,

costuma ser uma formação superficial e geralmente, apenas sobre aspectos tecnológicos. Sendo assim, para Kenski (2008),

“[a] formação de qualidade dos docentes deve ser vista em um amplo quadro de complementação às tradicionais disciplinas pedagógicas e que inclui, entre outros, um razoável conhecimento de uso do computador, das redes e de demais suportes midiáticos [...] em variadas e diferenciadas atividades de aprendizagem. É preciso saber utilizá-los adequadamente. Identificar quais as melhores maneiras de usar as tecnologias para abordar um determinado tema ou projeto específico ou refletir sobre eles, de maneira a aliar as especificidades do “suporte” pedagógico [...] ao objetivo maior da qualidade de aprendizagem do aluno.” (KENSKI, 2008, p.106).

E dessa maneira, podemos perceber que ainda que a disciplina específica e os conhecimentos técnicos sejam importantes, no ambiente virtual, a didática também deveria ocupar um lugar de destaque neste formato de ensino. Dominar o conteúdo ensinado é muito importante, mas nem sempre é o suficiente quando não se é capaz de compartilhá-lo com o aluno.

Para Ramal (2003), a EAD corre um grande risco quando transfere para o ambiente virtual o modelo do ensino tradicional. Para a autora, “educar a distância não pode se limitar a escrever conteúdos que eram transmitidos em palestras e cadastrá-los numa ferramenta visualmente interessante” (RAMAL, 2003, p. 188). Verificamos então que neste processo de aprendizagem o pedagógico e tão importante quanto o tecnológico e os dois podem ser aprendidos através de uma formação de qualidade, como destacado por Kenski (2008) anteriormente. Parece que nos encontramos diante de uma encruzilhada denominada por Demo (2009) como “desafio formativo”. De acordo com o autor,

“[...] embora seja um pouco apressado dizer que pedagogia vem antes da tecnologia (...), é certo que o desafio formativo é a razão maior de ser. Nesse sentido, sem pedagogia, nada feito. Na verdade, trata-se de envolver os estudantes no processo de aprendizagem, fomentar habilidades de aprendizagem autônoma, embora preferencialmente coletiva, desenvolver habilidade de construção de conhecimento, motivar aprendizagem sem fim.” (DEMO, 2009, p. 37).

Particularmente, gostaria de destacar que não acredito que uma possível didática adequada ao modelo virtual seja “redentora total” da aprendizagem. Mas acredito que para fomentar estas habilidades de aprendizagem autônoma apontadas por Demo (2009), e colaborar na construção, e não apenas transferência de conhecimento, seja necessário sim uma

metodologia didática diferenciada. Para Pretto (2001), “mais do que tudo, a formação dos professores no mundo contemporâneo tem que se dar de forma continuada e permanente (...) conectados através desses modernos recursos tecnológicos de informação e comunicação” (PRETTO, 2001, p.51). Através da afirmação de Pretto podemos notar que os aspectos pedagógicos e tecnológicos deveriam funcionar como complementos um do outro quando o assunto é EAD.

Um exercício interessante é se colocar no lugar do aluno. Depois de trabalhar como tutora e coordenadora de EAD por mais de cinco anos, este ano (2014) terminei um curso de aperfeiçoamento no formato virtual, minha primeira vez como aluna de EAD, e descobri muitas falhas que podemos cometer com nossos alunos e alunas na hora de organizarmos nosso ambiente virtual. Mais uma vez insisto de que o problema não é o conteúdo em si, porém a forma como o apresentamos, o conduzimos ou mesmo a maneira como o avaliamos posteriormente.

Devemos refletir sobre o uso do material didático na plataforma, pois estes nem sempre são “autoinstrucionais” como Barreto (2001) chama a atenção. Para nós que já o dominamos parece fácil e óbvio, muitas vezes, postar este ou aquele material. Mas para muitos alunos, independente do curso, pode haver uma grande dificuldade na assimilação do que vem sendo postado até que entendam realmente a didática do professor no ambiente virtual.

Vale lembrar que o público que estamos trabalhando é um público diverso e podemos encontrar desde pessoas com pouca formação e habilidades cognitivas, até pessoas que aproveitam a oportunidade da EAD para fazer duas faculdades ao mesmo tempo, por exemplo. Deve haver um equilíbrio nas intervenções e sempre um questionamento sobre se o que está sendo exposto está claro. O Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2012 aponta a falta de tempo para estudar e a falta de adaptação à metodologia como algumas das principais causas de evasão da EAD, independente do curso escolhido (CENSO EAD.BR, 2013). O relatório não deixa claro se esta metodologia é a tecnológica ou pedagógica. Em todos os casos, como docentes, devemos fazer sempre a nossa parte e nos ocuparmos da metodologia didática.

O aumento dos cursos à distância, quer em nível técnico, de graduação, pós-graduação ou qualquer outro nível, traz também a necessidade de uma melhor formação dos profissionais envolvidos nesta modalidade de ensino. Apenas contratar graduandos recém-formados ou convidar mestres e doutores para atuarem como formadores, não é o suficiente. A qualidade da EAD deveria ser a mesma da educação presencial que tem funcionado. Desse modo, a formação continuada desses profissionais é o que fará diferença na interação e no processo de ensino e aprendizagem do alunado virtual.

Almeida (2003) ressalta que se faz necessário o “... envolvimento dos formadores em um programa de sua própria formação continuada por meio das TIC que os leve a refletir sobre as contribuições dessas tecnologias à prática pedagógica” (ALMEIDA, 2003, p.338). Sendo assim,

podemos observar a importância de se redefinir o papel do professor, tutor ou coordenador de disciplina de EAD, a partir do aprimoramento de seus conhecimentos específicos, tecnológicos e, principalmente didáticos.

A interação com o alunado

Dentro da proposta de EAD, a interação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem pode ser considerada como um fator fundamental para o bom desenvolvimento dos alunos de cursos à distância.

A qualidade da interação entre o aluno e seus respectivos tutores, professores e ou coordenadores de disciplina será de suma importância para estabelecer uma relação de confiança a fim de favorecer uma aprendizagem real dentro do ambiente virtual. O sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, com sentimentos e desejos próprios, possui uma visão individual do mundo e está inserido em relações sociais com outros sujeitos (CHARLOT, 2000). Estas vivências pessoais são trazidas também para dentro do ambiente virtual e o modo como são administradas, juntamente com os formadores do curso, podem vir a colaborar de forma mais ou menos positiva para o alunado.

Muitos alunos optam por um ensino a distância pela flexibilidade que este pode aparentemente oferecer (CARVALHO, 2007). No entanto, acostumados a um modelo de ensino presencial e mais tradicional, quando chegam ao ambiente virtual passam por um tempo de transição até se acostumarem com a metodologia do curso, ou simplesmente, desistem de tentar este formato de educação. De acordo com Carvalho (2007), os alunos:

“Ao se deparar com a responsabilidade de sua própria aprendizagem, que inclui gerenciar a quantidade de tempo destinada aos estudos, a realização das atividades e o tom das relações com os tutores/professores, invariavelmente o aluno leva algum tempo confuso, com muitas dificuldades no processo de adaptação. A tecnologia que supostamente deveria tornar-se uma ferramenta poderosa no desenvolvimento da aprendizagem pode virar um pesadelo para o aluno, que descobre rapidamente que interagir com o ambiente virtual não é tão lúdico quanto parecia a princípio.” (CARVALHO, 2007)

Vale destacar que a interação no ambiente virtual através das intervenções, trocas de experiências, materiais, postagens, uso do fórum, e o “tom das relações com os tutores/professores” apontados por Carvalho (2007), são fatores essenciais para fomentar o interesse do aluno, mantê-lo mais próximo da gente e favorecer a construção de uma aprendizagem mais efetiva. Uma interação deficiente pode produzir uma participação também deficiente. Para Almeida, nesse sentido, “o que se pretende em educação é uma interação que

permita ao aprendiz representar as próprias ideias e participar de um processo construtivo” (ALMEIDA, 2003, p.227).

E para que haja uma melhor interação entre tutor, professor e/ou coordenador de disciplina e seus alunos, Oliveira e Villardi (2005) sugerem algumas habilidades e competências como: a) habilidade para interagir com os alunos, de forma não presencial, individualmente e em grupos, encorajando-os e incentivando-os, minimizando, dessa forma, a evasão; b) habilidade para manter relações menos hierarquizadas; c) competência para conversação racionalmente comunicativa (OLIVEIRA e VILLARDI, 2005, p.121). Dessa maneira, podemos verificar que o foco da interação com o alunado está sempre relacionado à construção de relações pessoais e aos distintos modos de comunicação.

Por outro lado, é importante ressaltar que muitas vezes esta interação entre formadores e alunos não funciona porque há alunos que ainda não dominam as novas tecnologias, não tem acesso a computadores ou mesmo internet em casa. Isso acontece muito com os alunos que são de polos localizados no interior do Rio de Janeiro, por exemplo. E a falta de contato direto com alguém do outro lado da tela, neste caso o tutor, acaba gerando certo desânimo em alguns alunos, como podemos observar através da postagem de uma professora participante do Curso GDE onde fui tutora.

“Posso afirmar que hoje, me sinto mais segura para falar dos assuntos referentes ao GDE e consigo ter um novo olhar nas escolas onde atuo. Assim como me sinto mais à vontade para conversar com os alunos. No início, tive muitas dificuldades em acompanhar a dinâmica do curso. Nunca participei de nenhuma aula via internet e fiquei meio perdida. Ainda mais que a minha conexão era de forma discada! Várias foram às vezes em que perdi toda a minha produção escrita por erro no servidor. Outras vezes estava tão cansada que entrava na aula, mas não conseguia interagir com a tutora e o restante das alunas. Sentia-me frustrada por não conseguir interagir de forma intensa e com maior disposição. (Aluna M., GDE 2009)”.

No CEDERJ a interação com o aluno se dá através de mensagens, fórum, mails, postagem na plataforma e também através da sala de tutoria onde o aluno pode deixar sua dúvida que será respondida pelo tutor. A interação pode acontecer também de forma presencial uma vez por semana em cada polo (de acordo com o horário das disciplinas e práticas) e, através de um número de telefone 0800, que é sem custo e também atendido pelo tutor à distância. E mesmo com tanta oportunidade de interação, muitos dos meus tutores, por exemplo, se queixam que os alunos não frequentam as tutorias e nem entram em contato. Segundo estes tutores, os alunos geralmente aparecem quando está perto das avaliações para tirar dúvidas.

Dessa forma, devido ao modo como interagimos com nossos alunos e alunas nos cursos a distância, e a partir de uma preocupação em melhorar nossas ações didáticas no ambiente virtual, seria interessante que tivéssemos alguns cuidados durante estas interações como:

- Conhecer bem a disciplina e o material didático que está sendo utilizado.
- Não usar letras muito pequenas ao postar, dificulta a leitura.
- Ter cuidado ao postar mensagens ou textos muito longos. Principalmente se for texto complementar, é interessante escolher textos curtos e de linguagem acessível.
- Deixar mensagens claras no ambiente virtual, cuidado para não confundir os alunos.
- Escolher bem as palavras para intervir nos fóruns e mensagens, estamos sempre sujeitos a interpretações equivocadas.
- Ser dinâmico na “sala de aula” virtual sem poluir o ambiente com muitas cores e imagens.
- Organizar bem o ambiente virtual de forma que as mensagens, as aulas, as avaliações e os fóruns não fiquem misturados e o aluno não consiga se localizar.
- Fazer um esforço para manter sempre o canal de comunicação aberto com seus alunos, sendo educado, solícito e seguro ao mesmo tempo.
- Fazer uso dos recursos que sua plataforma oferece e dispor, sempre que possível, outros materiais como vídeo, música, filme, livros, links interessantes, mapas, gráficos, etc.
- Ser paciente, você não conhece as dificuldades de quem está do outro lado.

Em sendo a interação com o alunado uma das principais ferramentas para se fomentar a aprendizagem na EAD, faz-se necessário uma ressignificação desta interação em seus distintos âmbitos. O saber interagir também pode ser considerado um processo dinâmico e progressivo. Podemos aprender a nos comunicar melhor. A interação vai acontecendo a partir das vivências diárias como tutor e/ou aluno, através das intervenções, das trocas de experiências e das destrezas que vamos desenvolvendo ao longo do curso que atuamos e/ou realizamos, e sobre tudo com a prática.

Pensar o lugar de uma didática mais adequada para o ambiente virtual é pensar também em uma interação que favoreça a formação dos alunos de cursos à distância, uma interação que tenha um formato flexível e que atenda as necessidades do alunado diverso social e culturalmente. A didática para o ambiente virtual necessita também de uma interação que traga autonomia e conhecimento para o alunado, não apenas respostas fechadas como pode ser visto em muitas postagens.

Considerações finais

A didática da sociedade moderna não é mais a mesma didática de Comenius, caracterizada pela arte ou técnica de ensinar. Precisamos uma didática que funcione além dos muros da escola, uma didática adequada aos diversos espaços educativos presenciais e virtuais, que se preocupe com o contexto sociocultural dos alunos e seja repensada para a nova sociedade em que estamos inseridos.

Através das diversas experiências que tive como tutora, coordenadora e aluna de EAD, pude perceber que nem sempre a didática ocupa um lugar significativo neste tipo de educação. Muitas vezes o formato do ensino presencial e a educação bancária, que apenas transfere conhecimento, são reportados para o ambiente virtual através da postagem de conteúdos na plataforma, mas sem uma maior preocupação com o alunado através de uma interação significativa e de qualidade.

O objetivo deste artigo era refletir sobre algumas questões pertinentes a EAD no sentido de contribuir para o aprimoramento deste tipo de educação que vem crescendo nas instituições de ensino do país. E para uma melhor eficácia dos cursos a distância é preciso levar em consideração aspectos pedagógicos como uma melhor didática para o ambiente virtual, formação docente e interação com o alunado, ao contrário de apenas visar os aspectos tecnológicos. Aumentar a oferta formativa em EAD sem ter em conta a problemática pedagógica que, por vezes, provoca a evasão, é continuar contribuindo para uma educação excludente.

Na qualidade de docentes, somos conscientes que não existe uma didática perfeita ou sem defeitos. O que existem são estratégias que funcionam de melhor ou pior forma nos distintos ambientes (presencial ou virtual) e de acordo com o público alvo que temos. Sendo assim, através deste relato de experiência, espero colaborar com uma maior reflexão sobre a importância da didática no ambiente virtual, a fim de favorecer mudanças através da interação com o alunado e da formação docente.

Referências

ALMEIDA, Maria E. B. de. **Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. 2003.

BARRETO, Raquel Goulart (Org.) **Tecnologias educacionais e educação a distância – avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

CARVALHO, Ana Beatriz. **Os múltiplos papéis do professor em Educação a Distância: uma abordagem centrada na aprendizagem**. In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN. Maceió, 2007.

CENSO EAD.BR. **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2012**. Curitiba: Ibpex, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DEMO, Pedro. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

DINIZ, Gláucia Costa Abdala; MARQUEZ, Damáris Naim. **Pelas tramas do desejo: O sujeito e o aprender no cotidiano escolar**. *Ensino em Re-Vista*, 11(1) : 137-149, jul.02./jul.03.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MACHADO, Gláucio José Couri (Org.). **Educação e ciberespaço: estudos, propostas e desafios**. Aracaju : Virtus, 2010.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

PRETTO, Nelson de Lucca. **Desafios para a educação na era da informação: o presencial, a distância, as mesmas políticas e o de sempre**. In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.) *Tecnologias educacionais e educação a distância – avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

RAMAL, Andrea Cecília. **Educação com tecnologias digitais: uma revolução epistemológica em mãos do desenho instrucional**. In: SILVA, Marco. *Educação online*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Eloiza Gomes de; VILLARDI, Raquel. **Tecnologia na educação – uma perspectiva sociointeracionista**. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad Editora, 2009.

Bianka Pires André - Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, Professora Associada do Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem (LEEL) e do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: biankapires@gmail.com